

Paulo Ferreira da Cunha

O essencial sobre  
FILOSOFIA POLÍTICA  
ROMÂNTICA

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

## INTRODUÇÃO

Uma ordem subterrânea liga os autores deste volume que, em termos singelos e objectivos, vai do idealismo alemão, nos seus máximos expoentes filosófico-políticos, ao positivismo francês, passando pelos momentos de fundação do utilitarismo britânico.

Ao anterior volume desta série de Filosofia Política, do presente livro «irmão gémeo», versando aproximadamente esta mesma época (*O Essencial sobre Filosofia Política Liberal e Social*, sobre os séculos XVII a XIX), presidiu a ideia das relações entre a liberdade, a igualdade e a propriedade, entre liberalismos e socialismos (dito utópico em Proudhon e dito científico em Marx).

A abordagem do presente volume é uma espécie de outro rosto das faces de Jano desta época contemporânea, ou talvez (porque o tempo passa e os tempos envelhecem) já apenas «pré-contemporâ-

nea» — uma vez que o nosso tempo de hoje parece começar a destacar-se um tanto das problemáticas aqui recorrentes. Cura-se no presente volume desse outro lado da problemática setecentista e sobretudo oitocentista: a faceta da aspiração a uma ordem social, a uma sociedade organizada, e da concepção dessa mesma ordem em bases filosóficas racionais, ou, pelo menos, partindo delas (porque em Comte, positivismo e romantismo se conjugam, e há também quem veja um Hegel romântico).

Centramo-nos em quatro grandes autores: Kant (1724-1804), Bentham (1748-1832), Hegel (1770-1831) e Comte (1798-1857). O primeiro e o terceiro, professores com cátedra e com superficial fama de afastados do mundo, apesar de ambos pelo menos iniciais entusiastas da Revolução Francesa. O segundo e o último foram reformadores sociais sem sucesso político imediato e pessoal (embora com importante posteridade, directa ou indirecta); partindo de teorizações que desejaram lógicas, racionais, acabam por sacrificá-las à atracção do litúrgico ou do ritual. Bentham deixa em testamento as regras de uma espécie de «culto», não propriamente «da personalidade», nem ao menos da sua pessoa —

mas sem dúvida da sua doutrina, simbolizada *post mortem*. Comte acaba por se investir como sacerdote de uma nova religião, religião da «Humanidade», mas ainda assim «religião».

Evidentemente que não são os pormenores que mais interessam, e muito menos a *petite histoire*. Dela, contudo, daremos alguns exemplos, aqui e ali, sobretudo para colorir de cor local teorias que, em geral, podem parecer excessivamente pesadas, e conferir um toque de humanidade a filósofos que parecem todos mentais. Curiosamente, a biografia, embora não explique totalmente a teoria, acaba por dela poder ser um símbolo: Kant, com a sua vida regrada, parece ser a própria «ordem». Bentham, com a sua educação enciclopédica, e tendo deixado tantos milhares de páginas manuscritas, tinha o culto do método. Hegel tirava apontamentos e fazia recensões do que lia, e não faltou sequer à Universidade no sábado que precedeu a sua morte, num domingo. Comte falará de uma organização pessoal plena de «poder intrínseco», que o conseguiria tirar de um intervalo de grave crise mental (ou de simples grande fadiga, segundo, v. g., Alain) que o chegou a levar ao internamento.

Evidentemente que todos estes autores têm diálogos, mais ou menos demorados, com as questões predominantes do seu tempo, que sente as ondas de difusão do marco da revolução de 1789, e que é revolucionário e até pós-revolucionário na sua maior parte. E esses problemas são, realmente, mais ainda os da liberdade e, depois, da democracia, que os da igualdade e do socialismo.

Mas mesmo a estes temas os filósofos de que aqui curamos tratam de forma diferente e num contexto diverso dos demais. Embora se possa ver em Kant ainda um liberal, com a condescendência que comporta uma designação tão lata e polissêmica, seria muito mais complicada a qualificação dos restantes três... e por vezes são estranhamente rotulados no plano político. Hegel também por vezes é apelidado de liberal (assim como de totalitário, conservador, autoritário e romântico...).

Em suma, trata-se da filosofia política de um certo tipo de idealismo e de racionalismo que desemboca no positivismo... A ordem subterrânea que a todos une é essa linha de desejo de organização racional da sociedade, prevalecendo sobre outros valores e palavras de ordem. Mas trata-se de uma racio-

nalidade que se encontra modelada por um ambiente a que só poderemos chamar «romântico». E acaba por ser o Romantismo o mais significativo elo.

A seguir virá a contemporaneidade plena, quer a mais «clássica», que é afinal ainda «moderna» (da Modernidade), quer a dita «pós-moderna», e finalmente o que se segue à crítica desse conceito. E nessa, salvo quiçá a «religião dos direitos humanos» (apesar de tudo não absolutamente consensual, nem sempre baseada nos mesmos pressupostos filosóficos), já não será fácil encontrar o fio que una as contas de um colar disjunto...

O próximo volume tratará, assim, do século xx.  
*Tout court.*

## EMANUEL KANT

(Königsberg, 1724-1804)

Pensa-se normalmente que a vida de Kant não teria sido senão ordem e regularidade, no que se aproximaria da sua filosofia, com todo o seu racionalismo e aquele estilo seco (para alguns impenetrável mesmo) que dela tem afugentado gerações sucessivas de estudantes menos empenhados. O próprio Alain (1954) não deixaria de sublinhar estas dificuldades; mas Alain era um filósofo cheio de subtileza literária e treinara-se a escrever nos jornais, que têm de ser lidos por um público não especializado.

Sem se negar que há uma linha de regularidade e algum ascetismo no decurso de uma vida afinal sobretudo consagrada ao estudo, mais recentemente começam a abrir-se janelas sobre a «humanidade» de Kant. Começa a duvidar-se se Kant era mesmo de todo insensível à música, à literatura e à na-

tureza. Como interpretar o seu passeio das quatro às cinco, fizesse sol ou chovesse (v. g. Bronowski/Mazlich, 1960: 488)?

Tendo nascido numa família do mais férreo rigor e fervor pietistas, frequentado o colégio Fredericianum e a Universidade da sua terra natal, Kant apenas se afastou desta por dez anos, quando, após concluído o curso, foi preceptor. O que não quer dizer que se encontrasse ensimesmado no seu domínio paroquial. Pelo contrário, com o mundo se preocupava, muito e bem. Apesar de ter por vezes opiniões políticas ou estratégicas bizarras, de que não abdicava, como a de que a expedição de Napoleão ao Egipto seria, na verdade, uma manobra de diversão, tendo o imperador verdadeiro interesse... em Portugal.

Os habitantes de Königsberg (reza uma lenda que de tão repetida acaba por parecer mentira) podiam aperceber-se com exactidão das horas pelas saídas e regressos a casa do metódico professor, por vezes acompanhado do seu fiel criado, munido de guarda-chuva para qualquer eventualidade meteorológica. Afinal podia sair quer fizesse sol ou chuva...

## ÍNDICE

Introdução .....	3
Emanuel Kant (Königsberg, 1724-1804) .....	9
Jeremy Bentham (Londres, 1748-1832) .....	33
Hegel (Stuttgart, 1770-Berlim, 1831) .....	51
Augusto Comte (Montpellier, 1798-Paris, 1857) .....	73